

O SORTILÉGIO DA VIOLETA

PSEUDÔNIMO: DAFNIS

Maria Esther Maciel de Oliveira

Faculdade de Letras

A casinha que Fernando alugou era exata para a inquietude dos nossos desejos. Ficava no finzinho da cidade, perto dos eucaliptos do Bairro dos Confins. Para lá íamos quase todas as noites, onde ficávamos bem passarinhos, até a hora em que as primeiras camionetas começassem a passar pela rua de terra, fazendo aquele barulho empoeirado, em rumo às roças da redondeza. Aí, eu me levantava às pressas, cabelos desgrenhados, o rosto ainda com jeito de madrugada, para chegar em casa antes de a Das Dores acordar. Com passos imperceptíveis, eu entrava no meu quarto e me enfiava debaixo das colchas, esperando, vitoriosamente, que se consumasse o parto completo da manhã. Não podia deixar a minha ausência e a cumplicidade de meu lençol sem rugas denunciarem a clandestinidade dos meus encontros com Fernando.

Família mofada, a minha. Nunca iria aceitar que eu violasse aqueles valores seculares que a compunham. E com isto, eu, sem ousadia suficiente para desafiá-la, continuava abafando a coragem de mostrar que eu já era uma mulher, que meus seios já estavam prontos para a carícia de um homem, que meu ventre já soluçava na simples manifestação de um desejo, quisesse ou não a tia Carmelita, se importasse ou não a D. Iracema.

De noite, Fernando, com cheiro de terra. Na casa, a noturnidade fresca do eucalipto. Fernando homem, Fernando mago me enfeitando o corpo, me derramando poções milenares. E eu, rendida ao prazer, sorvendo toda aquela alquimia. Elisa escorrendo, lânguida, líquida, nos dedos do homem. Doida varrida. Mulher.

A cada encontro, eu me sentia mais envolvida, mais entrelaçada naquele prazer diário. Fernando meu, só meu. Nós dois na casinha do Bairro dos Confins. Até que chegasse o vasinho de violeta que meu pai trouxera da fazenda a pedido meu. Presente pra Denise, pai. Ele, imenso, bastante, acreditando em mim. E levei a violeta para a nossa casinha.

— É bonita, Elisa.

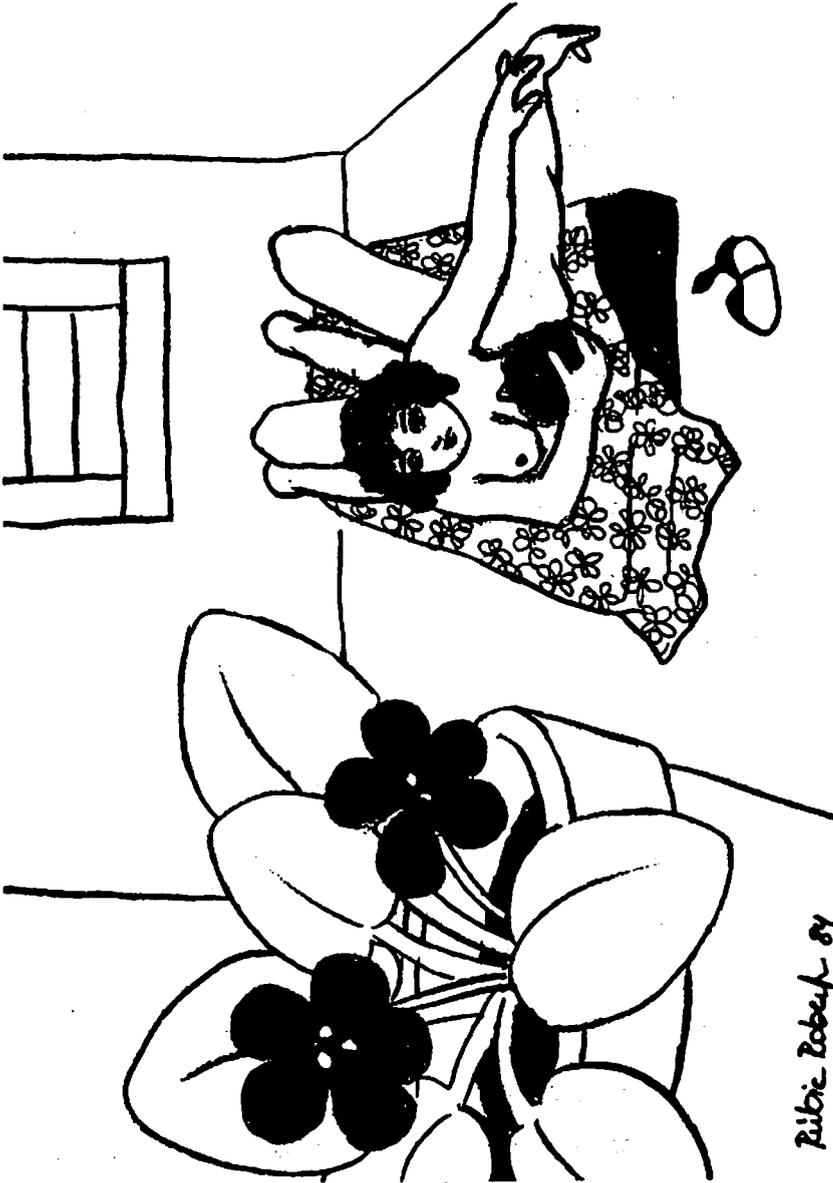
A violeta teve seu cantinho no quarto, perto do colchão vermelho que era o único recheio daquele espaço. E a partir desse momento, senti que ela começou a me encarar. No seu jeito vegetal, mas encarava. Ela possuía alguma coisa de trágico que me perturbava. Por um momento, pensei que eu estivesse maluca. Mas a violeta estava ali mesmo, me olhando. Só Fernando não conseguiu captar esse presença animada da planta.

— Coisas da sua cabeça, Elisa.

Tentei, então, me convencer disso e tratar a violeta como uma planta simplesmente.

Foi efêmera essa minha atitude. A violeta continuava puxando meus olhos para o interior lilás de seu ser. Tentei resistir. Mas, arrastada pela sua sedução silenciosa, comecei a admirá-la mesmo quando ela emitia aquele riso meio sorriso e meio provocação. Permaneci assim, sofrendo calada uma paixão absurda que me remexia a cabeça.

Fernando, agora todos os dias. Eu, dividida. Dele, de corpo, toda, bem fêmea. Dela, a substancialidade de uma emoção quase transparente, mas profunda. E nessa minha fragmentação, come-



Ritric Robert 84

cei a notar que algo de muito estranho acontecia. Uma sensação de estar sendo abortada de mim mesma. Trágica e liricamente.

Passei a chegar um pouco mais cedo na casinha dos eucaliptos. Por causa dela, a bruxa. E ficava, numa permanência quase obsessiva, olhando a tênue beleza daquela planta. As folhas de veludo roçando os meus dedos. Cor de morte suave, a dela. Olhando insistentemente para os meus olhos. Abrindo-se naquele sorriso próprio de sua ironia.

Aí Fernando chegava e me tomava dela. Fernando todo meu. Eu, cada dia mais sexual, mais louca. Fernando domado. Pronto a qualquer hora, vasculhando todos os meus subterrâneos, teluricamente. E eu me abortando lenta, me impessoalizando não sei se na pessoa de Fernando ou se dela, a violeta. Fernando só meu, na calidez macia do colchão. Nós, a mistura. Como se nossas veias se entrelançassem e se perdessem no emaranhado de nossos corpos. A violeta, viva nos meus olhos. E eu, estranhamente, saindo de mim.

— Me morde. Com força. Até sangrar.

Ele mordia, ele sangrava a textura quente de meus ombros. Elisa assanhada. Elisa imprevisível. E a violeta lá, assistindo a tudo, impassível para os olhos de Fernando, viva para os de Elisa que se desconcertava com aquele risinho verde e imenso. Elisa no colchão: tão Fernando e tão violeta.

Na noite seguinte, Elisa notou que Fernando tinha ficado diferente. E no momento em que passou a reparar mais nele, certificou-se de que ele diminuía gradativamente: lua minguando no cheiro dos eucaliptos. De princípio, achou muito esquisito. Mas depois, passou a aborver silenciosamente aquela metamorfose lenta. O mais interessante, contudo, era que a violeta crescia na mesma proporção em que Fernando diminuía. Suas folhas já se espremiavam contra a parede.

— Essa menina perdeu a língua, Carmelita. Não conversa com ninguém. Parece bicho do mato...

Elisa com olhos de desdém para as duas. Umas chatas, umas ignorantes. Nunca iriam entender. Aliás, ninguém podia. Nem Elisa, nem eu que deixei de ser ela.

Quando Elisa voltou à casinha, Fernando já estava lá. Mínimo, mas todo músculo, todo corpo. A violeta, uma sombra crescente, fermentada, que já se alastrara totalmente pelo quarto. A última noite, aquela. Os corpos fluidos, etéreos. Fernando, inédito. Elisa, a cada movimento, se transformando, se revertendo: eu voltando para ela e Fernando sumindo em mim, num parto invertido.

Ele, no meu avesso. Todinho bebido. Fatalizado pelas profecias da violeta que, mágica, crescia doidamente, atropelando a casinha sem móveis, me abraçando toda. Eu, frágil vítima das incoerências de mim mesma, tomada, predadora e presa ao mesmo tempo. Ciente de minha loucura involuntária.

Fernando, o meu Fernando, dentro de mim. Guardado nas minhas entranhas. E a violeta, irônica, enorme.